

AS REPRESENTAÇÕES DE BRUXA EM AS MEMÓRIAS DA BRUXA ONILDA, DE ENRIC LARREULA E ROSER CAPDEVILA

Gisley Carla Borba S. Pereira¹

RESUMO: Ao longo do tempo, a bruxa povoou o imaginário popular, e ainda vive nele, sendo uma das representações de uma realidade insólita. Perto ou longe das maldades, a bruxa é uma personagem que foi se modernizando, mudando algumas de suas características a ponto de se tornar muito próxima das nuances de um herói ou heroína. Revestida de simbologias do imaginário, como o chapéu e vassoura, a bruxa foi reinventada, sem perder o seu encanto e, por isso, tornou-se tema da presente pesquisa, a qual se volta para o estudo das representações de bruxa em “As memórias da Bruxa Onilda”, de Enric Larreula e Roser Capdevila. A pesquisa visou responder à seguinte questão: como a bruxa se encontra representada na obra “As memórias da bruxa Onilda”? Diante do problema, o objetivo do estudo esteve em analisar as características da Bruxa Onilda em comparação às das bruxas e dos protagonistas dos contos de fadas. Para tanto, optou-se pela pesquisa bibliográfica, fundamentada em estudos com a mesma temática, encontrados em artigos, livros e outros trabalhos científicos. Foram utilizados autores que versam sobre os contos de fadas, a literatura infantil e a representação da bruxa nas narrativas, dentre esses, Bruno Bettelheim e Andréia Osório. Dentre os resultados, ressalta-se que a Bruxa Onilda consegue subverter os conceitos sobre bruxas, os quais são tradicionalmente apresentados nos contos de fadas, tendo maior proximidade com a bondade e heroísmo, distanciando de seu arquétipo literário.

Palavras-chave: Bruxa Onilda. Representações. Contos de Fadas.

ABSTRACT: Over time, the witch populated the popular imagination, and still lives in it, being one of the representations of an unusual reality. Close to or far from evil, the witch is a character that has been modernizing, changing some of its characteristics to the point of becoming very close to the nuances of a hero or heroine. Coated with imaginary symbologies, such as the hat and broom, the witch was reinvented, without losing its charm and, therefore, became the subject of the present research, which turns to the study of the representations of witch in “*As Memórias da Bruza Onilda*”, by Enric Larreula and Roser Capdevila. The research aimed to answer the following question: how is the witch represented in the work “*As Memórias da Bruza Onilda*”? Faced with the problem, the objective of the study was to analyze the characteristics of the Witch Onilda compared to those of the witches and the protagonists of fairy tales. Therefore, we opted for bibliographic research, based on studies with the same theme, found in articles, books and other scientific works. Authors that deal with fairy tales, children's literature and the representation of the witch in the narratives were used, among them, Bruno Bettelheim and Andréia Osório. Among the results, it is noteworthy that the Witch Onilda manages to subvert the concepts about witches, which are traditionally presented in fairy tales, having greater proximity to kindness and heroism, distancing her from her literary archetype.

Keywords: Witch Onilda; Representations; Fairy Tales.

¹ Acadêmica do 8º período do curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano – Polo Iporá sob a orientação do professor Dr. Bruno Silva de Oliveira.

1 INTRODUÇÃO

Quando uma criança ouve ou lê um conto de fadas, naturalmente sua imaginação volta-se para a figura do herói ou da heroína. O mundo insólito da fantasia é constantemente povoado por príncipes que salvam suas princesas que, por sua vez, são amadrinhadas pelas encantadoras fadas. O herói, segundo Paloma Esteves Laitano, no artigo intitulado “*A Bruxa Onilda e sua trajetória heroica: uma representação da bruxa como herói na literatura infantil*” (2008), faz-se presente desde quando as narrativas eram passadas de uma geração a outra, por meio da oralidade, por isso, é personagem recorrente na literatura universal e de tal forma, representa o bem acima do mal, vencendo-o ao final.

Em contraponto à existência do herói, protagonista da maioria dos contos de fadas, encontra-se a bruxa, concebida originalmente para representar o mal, como é possível observar no conto d’A Bela Adormecida, por exemplo, em que essa figura faz parte das narrativas para elevar a imagem projetada do herói ou da heroína. Não só nos contos de fadas transcritos por Charles Perrault ou pelos Irmãos Grimm, mas em diversas obras em que a bruxa se faz presente, ela é representada como uma mulher maquiavélica, dotada de poderes e com a imensa capacidade de promover maldades e, por isso, deve ser combatida. A bruxa má do Oeste, presente em *O Mágico de Oz*, de L. Frank Baum, é um exemplo da figura malvada que no decorrer da história tenta vencer a heroína, Doroty, mas que é bravamente derrotada por ela, que sem poderes a derrota com um balde de água.

Por outro lado, é possível encontrar a figura da bruxa distante das maldades, como é possível observar nas narrativas que compõem o universo de Harry Potter, criado por J. K. Rowling, em que o conceito de bruxos e bruxas distancia-se do sentimento evocado pelas maldades e divide-se em bruxos do bem e bruxos do mal. Além das aventuras de Harry Potter, é possível citar a Bruxa Onilda, criada por Enric Larreula, que também se distancia da representação comum dada à figura da bruxa e se aproxima da perspectiva de heroína e, sob esse aspecto, que o presente texto terá como objeto de estudo, uma vez que a temática deste artigo é a representação da personagem bruxa, muitas das vezes presentes em contos de fadas, os quais as representam como sendo um ser de nuances de sedução capaz de agir a partir da falsidade. Nesse sentido, compreende-se que mesmo sendo chamada de bruxa, Onilda preserva características boas, similares às dos protagonistas das histórias infantis.

Diante de tais aspectos, o presente estudo analisa as características da Bruxa Onilda em comparação às das bruxas e dos protagonistas dos contos de fadas, sendo esse o principal objeto de estudo.

Avalia-se, inicialmente, que a Bruxa Onilda subverte os conceitos sobre bruxas apresentados nos contos de fadas, aproximando-se de uma representação na qual suas ações fundamentam-se mais na bondade e no heroísmo, o que a distância de seu arquétipo literário.

Isso pode inculcar representações simbólicas ao leitor, fazendo com que o efeito dessa subversão seja prejudicial às aprendizagens oriundas dos conceitos de dualidade de bom e mau intrínseca aos sujeitos. Por outro lado, a Bruxa Onilda comprova que os rótulos dados às bruxas e feiticeiras podem não caber na sociedade atual, sendo também uma forma de abordagem das diferenças.

Ressalta-se que uma das nuances que marcam a trajetória da Bruxa Onilda encontra-se na facilidade com a qual as narrativas desdobram-se. Onilda não se encontra relegada somente a um espaço narrativo, mas realiza diversas viagens como ocorre em *A Bruxa Onilda vai à Inglaterra* (1999) e a *Bruxa Onilda vai a Nova Iorque* (1995). Isso mostra o dinamismo que a obra tem de atingir diversos públicos, pois diferentemente de algumas narrativas sobre bruxas, as de Onilda não se encontra confinada em um castelo ou uma floresta, o que concede um viés moderno às suas aventuras.

2 A BRUXA NA LITERATURA INFANTIL

Quando se trata da literatura infantil clássica, observa-se que a personagem bruxa é oposta aos personagens heroicos que povoam a imaginação dos leitores. Nesse sentido, conforme descreve Antônio Ferreira Brito, em *As bruxas e o imaginário popular* (2014), a bruxa representada na literatura infantil é, na maioria das vezes, descrita como velha, feia e má. E, embora seja apresentada com tais traços, dificilmente passa pela história sem chamar a atenção de quem a esteja lendo.

Nas histórias canônicas, a bruxa contrapõe-se aos heróis como forma de reforçar a dualidade existente entre bem e mal. Desse modo, segundo Bruno Bettelheim, na obra *A psicanálise dos contos de fadas* de (2012),

Ao contrário do que acontece em muitas estórias infantis modernas, nos contos de fadas o mal é tão onipresente quanto a virtude. Em praticamente todo conto de fadas o bem e o mal recebem corpo na forma de algumas figuras e de suas ações, já que bem e mal são onipresentes na vida e as propensões para ambos estão presentes em todo homem. É esta dualidade que coloca o problema moral e requisita a luta para resolvê-lo. (BETTELHEIN, 2012, p.7).

Sendo representante do mal, pelo menos nas histórias mais antigas, a bruxa também faz parte da fantasia de crianças, jovens e adultos. Em uma perspectiva histórica, tem-se os contos de fadas como parte das rodas de histórias e ensinamentos, desde tempo mais antigos.

Desse modo, concorda-se com Sissa Jacoby, em *A bruxa no imaginário infantil: a última bruxa de Josué* (2009), quando reforça que a figura da bruxa é uma das mais populares invenções da imaginação. Sendo universal, esse fenômeno é atestado pelas diversas formas e diferentes nomes que recebe nas mais diferenciadas culturas, sem perder sua essência maligna, de provocar medo e fascínio ao mesmo tempo. A bruxa é a representação da mulher sedutora, e de acordo com Maurício Bronzatto e Ricardo Leite Camargo, no artigo *Considerações sobre as Transformações da Bruxa na Literatura Infantil Contemporânea e as Implicações para o Psiquismo Infantil: Uma Abordagem Psicanalítica Baseada no Trabalho de Glória Radino* (2012), reforçam que:

Escapar à sedução da bruxa é o mesmo que conseguir separar-se da mãe, sem o que a criança, mesmo a despeito do sentimento de medo e desamparo, não se tornará um outro. A bruxa, tanto quanto o lobo mau, encena para a criança as angústias da castração e, ao mesmo tempo, ajuda-a a elaborar temas que são essenciais à sobrevivência humana, como a morte e a solidão, entre outros. (BRONZATTO; CAMARGO, 2012, p. 03).

Salienta-se que a bruxa do imaginário popular tem sua imagem construída desde a primitividade, em que os cultos à mãe natureza lhe concedia o poder da cura. Com o passar do tempo, a bruxa dotada de dons, conforme contavam as lendas passadas de geração em geração, foi acrescentada as características da maldade, alimentadas no período da Inquisição, agregando também a imagem de feiticeira (JACOBY, 2009).

Compreende-se que a figura da bruxa tenha passado por um processo de revitalização, principalmente ao se considerar a produção literária do final do século XX, no qual os mitos, sagas e lendas da literatura oral foram recriados com nuances mais modernas. A bruxa deixou de ser a figura maléfica e assumiu contorno mais heroicos como ocorreu na saga Harry Potter, ou mesmo teve sua maldade explicada ou mesmo amenizada, conforme visto em *Malévola*, produção fílmica da Disney que recontou a história da bruxa do conto d’“A Bela Adormecida” (JACOBY).

Embora tenha passado por transformações em sua concepção de expressão da maldade, a bruxa, segundo Jacoby (2009), ainda corresponde à imagem difundida pela tradição oral dos antigos, nas narrativas passadas dos mais velhos aos jovens e perpetuadas nas fogueiras, alimentando a fantasia, imaginação e os temores. Devido a esse aspecto, a bruxa se tornou universal.

Conforme descreve Valdiney Lobato de Castro na obra *Em cena: a Bruxa, a diva dos contos de Fadas* (2021), a imagem mais antiga que se tem da bruxa, se volta para as mulheres que herdavam os conhecimentos de seus antepassados. Esses saberes eram baseados na natureza e essas mulheres exerciam os papéis de parteiras, enfermeiras, benzedoras. Sendo conhecedoras das ervas naturais, rezas e simpatias, também podiam amaldiçoar aqueles que delas discordassem ou ameaçassem.

Esse saber mítico promove uma imagem da mulher assinalada por possuir poderes sobrenaturais, o que, de igual modo, favorece e assusta o grupo social do qual faz parte. Essa concepção ajuda a compreender, desde essa origem, o quanto a imagem dessas feiticeiras é relacionada às questões maléficas: mesmo elas possuindo um saber que as promove como figuras detentoras de saberes muitas vezes necessários à comunidade, são esses mesmos conhecimentos que as tornam hostis à ordem social (CASTRO, 2021, p. 109).

Sendo distantes e alheias ao controle exercido pelos homens e por meio da crença de serem possuidoras de poderes sobrenaturais, sem explicações evidentes, é que as bruxas passaram a exercer fascínio e repulsa ao mesmo tempo. Por serem dependentes da natureza para o preparo de suas poções, as bruxas precisam habitar próximo a florestas, bosques e afins, o que também alimentou o imaginário sobre seus afazeres diários. O que as associa com os eventos naturais, as perdas de animais domésticos ou mesmo a morte de crianças, dado os primeiros passos para a construção da imagem que se tem até a contemporaneidade (CASTRO, 2021).

E em meio a essa demonização surge a aparência de uma mulher velha, feia, vestida de andrajos, quase sempre acompanhada de um animal preto, um gato ou um corvo. A partir do isolamento na floresta, essa mulher passa a ser promovida como uma figura aterrorizante e vários elementos são utilizados para compor essa imagem: a vassoura, para facilitar sua locomoção às aldeias; o caldeirão, para realizar seus feitiços; e a gargalhada horrenda, para acirrar o tom apavorante. (CASTRO, 2021, p.109).

Ao se deparar com a personagem bruxa nos contos de fadas ou em outros textos da literatura infanto-juvenil, a criança experimenta o resultado da transformação de uma literatura oral que não

era feita especificamente para seu deleite. Os contos de fadas, inicialmente, basearam-se nas narrativas populares, sendo adaptados para os aspectos moralizantes, sem deixar de lado as cenas mais pesadas, inadequadas para as crianças, como ocorreu na versão de Charles Perrault (2004) para os Contos da Mamãe Gansa.

É importante destacar a relevância que os contos de fadas possuem no desenvolvimento da criança, Bettelheim (2012) afirma que

Os contos de fadas têm um valor inigualável, conquanto ofereçam novas dimensões à imaginação da criança que ela não poderia descobrir verdadeiramente por si só. Ainda mais importante: a forma e estrutura dos contos de fadas sugerem imagens à criança com as quais ela pode estruturar seus devaneios e com eles dar melhor direção à sua vida. (...) O conto de fadas é orientado para o futuro e guia a criança – em termos que ela pode entender tanto na sua mente inconsciente quanto consciente – a abandonar seus desejos de dependência infantil e conseguir uma existência mais satisfatoriamente independente. (BETTELHEIM, 2012, p.16-18)

Analisando o discurso do autor, observa-se que as bruxas são as melhores representações das vontades que precisam ser superadas. Isso advém do fato de representarem as forças do mal e as eternas batalhas contra o bem. Nesse sentido, ressalta-se que as bruxas possuem desempenhos diversificados, utilizando-se de seus poderes na realização de suas maldades, sempre colocando à prova a felicidade dos heróis. Os poderes das bruxas são naturais, precisam de sortilégios para se manter, mas não são resultados de recompensas, como ocorre com os heróis. A importância das personagens bruxas nos contos e histórias é justificada por Sheldon Cashdan em *Os 7 pecados capitais nos contos de fadas* (2000) reforça que:

Ela é a diva, a figura que dimensiona a luta entre o bem e o mal. A bruxa tem a habilidade de colocar as pessoas em transe mortais – e, com a mesma facilidade, trazê-las de volta à vida. Capaz de conjugar encantamentos e preparar poções mortais, ela tem o poder de alterar a vida das pessoas. Poucas figuras, num conto de fada, são tão poderosas ou cheias de autoridade como as bruxas (CASHDAN, 2000, p. 47)

Como os contos de fadas representam os dilemas pelos quais as crianças precisam solucionar, a bruxa também precisa morrer para que a maldade cesse. Assim, somente com a reversão do personagem bruxa, como ocorre nas narrativas contemporâneas, é que essa morte pode ser evitada, uma vez que a personagem passa a assumir as atitudes heroicas.

2.1 A bruxa no conto da Bela Adormecida, João e Maria e Branca de Neve

A presença da bruxa na literatura infantil aparece desde os contos mais antigos, não sendo diferente nos contos “A Bela Adormecida”, “João e Maria” e “Branca de Neve”, todos da autoria dos Irmãos Grimm, adaptados da literatura oral. Cada conto apresenta uma representação diferente da bruxa, embora seu elemento principal, ou seja, a maldade, encontre-se presente. De acordo com Ana Carolyn Franco Américo e Celia Abicalil Belmiro, no artigo denominado “A representação da personagem bruxa nos livros de literatura contemporâneos” (2018), a figura de uma mulher, geralmente velha, distante dos padrões, vestidas quase sempre com andrajos, foi utilizada causar não apenas medo, mas todo sentimento de hostilidade, tanto em crianças, como em adultos. Assim, segundo Américo e Belmiro (2018):

A presença dessa personagem na literatura infantil ganhou destaque com os contos da tradição oral. Neles, ela cumpria o objetivo de amedrontar e garantir que as crianças fossem educadas, civilizadas e obedientes aos seus responsáveis. Baseando-se neste contexto, o universo literário infantil intensificava o pavor por esses seres. (AMÉRICO; BELMIRO, 2018, p. 03).

De acordo com Jacoby (2009), os contos de fadas trazem a bruxa ligada a um estereótipo construído de modo a causar susto. Nesse sentido, conforme reforça Jacoby (2009):

O aspecto físico de bruxa, explicitado pelo narrador, intensifica, com a metalinguagem, a consciência de imagem construída e caricatural: Tinha um par de olhos perfeitos para uma bruxa, isto é, grandes, esbugalhados, com riscas de sangue e cada um virado para um lado. Motivo de orgulho, o nariz enorme, em forma de bico de papagaio, com a ponta quase entrando na boca de um único dente amarelado e carcomido, compõe o reflexo devolvido pelo espelho, que se completa com o cabelo despenteado, cor de cinza, roupas gastas e esfarrapadas (JACOBY, 2009, p. 89).

No conto “João e Maria”, dos Irmãos Grimm, a bruxa é descrita como sendo dotada de atitudes extremamente perversas, disfarçada em uma aparência de senhora, porém assustadora. Nesse conto, cujo original data do século dezessete, a bruxa em sua essência cruel, ajudava as famílias no processo educativo, ou seja, pela representação do mal ocorrido àqueles que se aventuravam sozinhos ou eram vencidos pelos pecados capitais, no caso, a gula.

De repente a porta se abriu e uma mulher velha como Matusalém, apoiada numa mula, saiu coxeando da casa [...] As bruxas tem olhos vermelhos e não conseguem enxergar

muito longe, mas, como animais, têm um olfato muito apurado e sempre sabem quando há um ser humano por perto (GRIMM, 2010, p. 168 – 169).

No conto “João e Maria”, a figura da bruxa insere-se como antagonista, ou seja, uma personagem agressora, a qual detém desejos de canibalismo, arditamente camuflados por sua morada açucarada, com a finalidade de atrair as crianças perdidas na floresta e devorá-las. O ato de comer é apresentado de forma negativa, ou seja, não apenas para saciar a fome, como seria normal, mas na imposição de uma situação de poder e dominação da bruxa sobre as crianças. Segundo Calado (2003), isso torna-se um contraponto entre o “comer” o corpo de Cristo na comunhão e a imagem do “comer” no sentido de ser absorvido pela maldade.

A bruxa do conto dos Grimm é associada à velhice, a qual é percebida como um defeito, e a este contexto os autores acrescentam a característica da deficiência física, representada pelo coxear da mesma. Nessa narrativa, é notório especificar que a fome e o ato de comer permeiam todo o conto. E a bruxa da história concentra em si a proeminência desse ato, visto que seu habitat é comestível e seu comportamento fundamenta-se em querer devorar a carne das crianças que por ela são capturadas. Deste modo, a bruxa apresenta a representação negativa do comer em excesso, comportamento e particularidade ferozes, os quais chegam a ser comparáveis a um animal.

A bruxa de "A Bela Adormecida" é retratada como uma feiticeira que, movida pela inveja e pela ira, ao não ser convidada para o batizado da princesa recém-nascida, lança um feitiço de morte a ser concretizado por um fuso de tear. Mesmo com poderes similares aos da bruxa, nenhuma das fadas convidadas conseguiu quebrar o feitiço, somente amenizando-o. Retratada com nuances cinzentas e sombrias, em contraponto com a princesa, sua pretensão realiza-se e sua vingança quase é bem-sucedida.

Contos de fadas como "A Bela Adormecida", que têm como tópico central um período de passividade, permitem ao adolescente em flor não se preocupar durante o seu período inativo: ele aprende que as coisas continuam a acontecer. O final feliz assegura à criança que ela não ficará presa permanentemente na imobilidade mesmo que no momento esse período de quietude pareça durar cem anos. "A Bela Adormecida" diz que um período longo de calma, de contemplação, concentração sobre o eu, - pode levar, e seguidamente leva, às maiores realizações. (BETTELHEIN, 2012, p 40-41).

Com o sono da princesa, todos do castelo adormecem e a bruxa assossega-se até que o príncipe chegar para quebrar o feitiço lançado por ela. Transformando-se em um dragão, a bruxa é morta e o pecado da ira e da inveja não têm mais lugar no reino. Em sua adaptação para o cinema,

feita por Walt Disney, em 1959, a bruxa, cujo nome é Malévola, não é retratada como uma velha e feia, mas uma mulher bela, porém dominada pela raiva e pelo ressentimento.

A bruxa do conto “Branca de Neve e os sete anos” marca um contexto na qual a relação com a beleza, a inveja e a vaidade são o contraponto da narrativa. Branca de Neve, nascida bela, de pele alva como a neve, cabelos negros e lábios vermelhos, perde a mãe ainda na infância e na versão de Charles Perrault, representa a docilidade, beleza, passividade e ingenuidade da época.

A madrasta, no lugar de substituta da mãe, a faz submissa e a inveja desperta seu lado cruel e perverso e de mulher bela, torna-se bruxa para pôr fim à vida de Branca de Neve. Ressalta-se que antes de colocar seus atributos bruxos em prática, a madrasta ordena que o caçador mate a heroína. Ao ver que seu plano não teria dado certo, veste-se de velha e assume sua posição de bruxa no conto.

Na atualidade, contudo, os livros de literatura infantil têm evidenciado de forma geral, modificações relevantes na caracterização dos personagens mais tradicionais, tais como a personagem da bruxa, a qual tem adquirido um enorme destaque como protagonista. A fundamentação proeminente da representação da figura da bruxa na tradição literária, ocorre devida a esta personagem cooperar na elaboração do imaginário infantil, auxiliando na reflexão de outros instrumentos narrativos, tais como, a significação do bem e do mal para o desenvolvimento da trama; a constituição do âmbito narrativo intrincado por sua presença; a relevância para se alcançar o clímax na história em que esta encontra-se inserida, bem como, pela identificação das crianças também com essa personagem, a qual a confere significados, muitas vezes certificados e confirmados pelo público adulto.

As bruxas retratadas nos contos citados anteriormente são tradicionais, cheias da mais pura maldade, sendo retratadas como malvadas, velhas e más. Quando dotadas de alguma beleza como ocorre na narrativa da Branca de Neve, sua beleza é suplantada pela maldade. Todavia, diferentemente do que se via em “A Bela Adormecida”, “João e Maria” e “Branca de Neve”, as bruxas da era contemporânea são figuras que fogem aos estereótipos das bruxas tradicionais, pois muitas destas praticam o bem, são bem humoradas e até vivem em bairros residenciais de grandes cidades, muito dissemelhante da realidade ficcional vivificada pelas vilãs dos contos de tradição oral. Em alguns contos modernos, com salienta Jacoby (2009), essas figuras ainda conservam a aparência senhoril, como a bruxa da história *Bruxa Jezibaba e a menina bordadeira* (2014), de Fábio Sombra.

2.3 A ressignificação da imagem da bruxa da Idade Média a Moderna

Alexander e Russell (2008) delineiam um novo entendimento referente à concepção e a prática da bruxaria no decorrer da história e na modernidade, compreendendo-a como um conjunto religioso com símbolos, signos e significados próprio, assim como, sua própria concepção de mundo, cultura religiosa, credo e crenças. Um conjunto histórico-cultural diversificado e objeto de diversificadas distorções históricas, entre as quais, as noções de possessão demoníaca e outras.

Dentro de um imaginário popular transmitido ao leitor, tanto pelos contos de fadas, como pelas histórias e mais recentemente pelos filmes, séries e também pela mídia digital, a bruxa sempre foi concebida então como uma personagem demoníaca, anticristã, malvada e com um estereótipo muito bem-marcado por seus autores: como sendo feia, velha, poderosa, de hábitos noturnos, e com um pavor horrendo de crianças. Em sua maioria, reuniam-se de forma secreta para conspirar contra as pessoas do bem, concretizar orgias e devorar as crianças por elas raptadas, como também utilizá-las em suas poções.

Historicamente, a imagem da bruxa era pactuada com o diabo, mulheres que trocavam suas almas pelos poderes mágicos e pela presença de seu senhor como protetores e guias. Estas negavam a Cristo e a toda forma de bondade, consolidando ato horripilantes importunavam contra a sociedade como um todo.

Na Idade Média, no momento de julgamentos, as bruxas eram acusadas de heresia e de pacto com o diabo, e assim eram forçadas no decorrer do seu interrogatório a delatar e acusar suas cúmplices de pacto, geralmente treze delas, formando o conhecido sabá das bruxas, ou reunião das bruxas.

Segundo Alexander e Russell (2008), muitas dessas mulheres acusadas eram inocentes, e eram condenadas, apenas por terem comportamentos diferenciados do padrão social da época, tais como: serem viúvas, viverem isoladamente, serem muito velhas, não terem família, não serem convidadas para festas por vizinhos, e tempos depois a plantaço desse morrerem misteriosamente. Eram culpadas pelas desgraças sociais e doenças que sucediam no local e sua condenação, assim como a destruição de seu grupo seriam a salvação para se ter uma vida abençoada, vivendo nas graças de Deus. De acordo com Alexander e Russell (2008, p. 18), em “tempos de deslocamento e dissoluções [...] a feitiçaria e a bruxaria podem funcionar como catalisadores de um foco e um nome concreto para inquietações difusas”.

Tal imagem foi por muito tempo declaradamente consolidada no imaginário social e inspirou diversos autores a comporem seus personagens embasados nessa concepção. Deste modo, nasceram os contos e histórias que traziam as bruxas como vilãs, geralmente mulheres feias, malvadas, velhas, que conspiravam contra a mocinha clássica do conto ou da história e o herói.

Todavia, mais recentemente após movimentos das décadas de 1970 e da explosão do movimento *New Age* pelos Estados Unidos e logo em seguida pelo mundo, a imagem da bruxa começou a mudar rapidamente. E livros sobre a temática como os clássicos *A Bruxaria na Europa Ocidental* de Margaret Murray (1921) e *A Deusa Branca*, de Robert Graves (1948), principiaram a ser publicados iniciando uma nova concepção e interesse sobre a bruxaria, passando a não ser mais concebida por esses autores como demoníaca, mas ressignificada. Esse movimento segundo Thompson (2018) ocasionou, uma profunda transformação, principiando um procedimento de consolidação da bruxaria moderna, polarizada essencialmente pela criação da Wicca por Gerald Gardner e seus livros e entrevistas.

Mas, há de se ressaltar que essa transformação não foi instantânea, tão pouco fácil. Em alguns meios, ainda sobrevive a imagem negativa e demoníaca concernente às bruxas, no mesmo espaço em que a nova figuração que bruxaria moderna conquistou. Porém, o que se identifica de forma bastante expressiva é uma progressiva modificação desse conceito pela mídia que aparentemente coopera de forma significativa para a mudança do imaginário social na contemporaneidade ressemantizando determinados valores reorganizados em um modelo completamente atualizado, tanto no estrutural, quanto no organizacional (OSÓRIO, 2015).

A bruxaria moderna é uma religião em transição. Considerando o fato de que já teve mais eventos significativos em sua curta história do que muitas religiões registram ao longo de séculos, seria prematuro especular a respeito de seu futuro a partir desse ponto. Mas o movimento presente abriga uma tensão interna que claramente terá de ser resolvida. A aproximação de uma crise está embutida no processo mutável da rejeição para a aceitação social, de ser um culto fechado, sigiloso e iniciático para se tornar uma religião aberta, reconhecida e pública. A questão pode ser colocada da seguinte forma: se a identidade religiosa de alguém, e boa parte de sua motivação religiosa, derivou-se de uma oposição ao sistema dominante, o que vai acontecer quando esse alguém for agregado a esse sistema? De inúmeras formas esse processo já se encontra em andamento, e certamente implicará importantes modificações. (ALEXANDER e RUSSELL, 2008, p. 200-201).

Mediante isso, percebe-se nos estudos pertencentes ao espaço virtual e os praticantes da Wicca no Brasil que, os praticantes da bruxaria da atualidade se particularizam por uma pessoa que está construindo sua identidade do que seria ser bruxa(o). E em conformidade com Osório (2015)

tais atributos não englobam somente noções clássicas dos praticantes de magia: adivinhos, curandeiros e detentores de poderes mágicos. Eles também envolvem toda uma constituição pessoal sobre uma identidade de gênero, de opção, prática religiosa e de sexualidade. Assim sendo, a bruxa da era hodierna não é um indivíduo velho, feio e isolado do mundo, mas alguém completamente inserido nele, apresentando diversos graus/níveis de escolaridade (muitas delas graduadas ou graduandas), com ampla acessibilidade à informação e com indicadores econômicos (geralmente de classe média) bem definidos (OSÓRIO, 2015).

Como evidencia a autora acima citada, as bruxas da atualidade fazem parte de um segmento social que possui um múltiplo acesso aos meios de comunicação, e que além disso é motivo de tê-las aproximado da bruxaria, visto que uma enorme parte das bruxas da atualidade possuem raízes em outras tradições religiosas muito mais concretizadas na sociedade brasileira, tais como o catolicismo e o espiritismo.

Desta forma, é correto dissertar que é o contato com os meios de comunicação, essencialmente com a internet e com a televisão, que proporciona a canalização e a conversão desses indivíduos, em sua maioria jovens a enorme maioria dos adeptos da bruxaria, que na atualidade encontra-se na faixa etária entre os 11 e 30 anos de idade. Assim sendo, a internet, aparece, como a principal fonte para as reuniões e confraternizações de sujeitos e grupos ligados à bruxaria.

2.4 Análise da representação da bruxa no livro *As memórias da bruxa Onilda*, de Enric Larreula e Rose Capdevila

A representação do herói surge desde os primórdios das narrativas quando estas ainda eram transmitidas por intermédio da oralidade e, por isso, estando presente na literatura universal também de todas as gerações e desiguais culturas.

O herói das histórias infantis hodiernas evidenciam particularidades que se incorporam às tradicionais, presentes na figura mítica e nos heróis dos contos de fadas, ou seja, tal personagem vem enfrentando a sociedade a qual pertence e está inserida, questionando as regras por ela implementada. Analisando a figura do herói, o presente estudo buscou, na representação da bruxa presente na literatura universal, bem como, na literatura infantil e juvenil,

as características/predicados inerentes à figura heroica e como elas foram transpostas ao longo de sua historicidade até a contemporaneidade.

Disserta-se que a figura da bruxa é uma presença constante na literatura infantil, sendo, por diversas vezes, a personagem principal das histórias que culminam por conquistar e agradar os leitores das diferentes idades e culturas. Ponderando a relevância do papel de herói dirigidas às crianças, visto que com suas jornadas e suas ações mediante das dificuldades que o leitor se identifica esse artigo busca analisar em que medida a representação da bruxa, aqui direcionada para a personagem da Bruxa Onilda, a qual apresenta as particularidades do herói da historiografia, e deste modo, como suas ações pode propiciar também uma identificação entre o leitor infantil e suas histórias.

A Bruxa Onilda é a personagem principal de uma variedade de narrativas escritas por Enric Larreula e ilustradas por Roser Capdevila, autores catalães, que em seus livros narram as diversas aventuras em que a personagem protagoniza e que, constantemente, enfrenta algumas dificuldades. Seus problemas ou situações difíceis por ela enfrentados, muitas das vezes são originários justamente da utilização incorreta da sua magia, ou então das atrapalhações que a personagem, por inocência, acaba concretizando.

Segundo Vigotski (2019), o fator das narrativas da Bruxa Onilda serem apresentadas aos seus leitores como memórias, suas histórias estariam deste modo recriando algo que já se passou. Pois a memória tem a função de recriar situações, pois, todavia, a imaginação e a fantasia são a base de toda a criação artística, assim sendo, eis a relevância das aventuras vivificadas e da carga fantástica impressa nelas.

Em conformidade com a analogia de Larreula (2002), o nascimento da bruxinha tem características peculiares e é um surgimento de um herói mítico. O momento em que o herói é introduzido no muno é envolto por uma enorme carga, ou seja, pode ocorrer em um lugar secreto ou possui alguma outra peculiaridade especial. No caso da Bruxinha Onilda, seu nascimento suporta uma grande carga antes mesmo de suceder, isso porque a sua mãe pertencia a uma grande família de bruxas e bruxos, a qual já estava quase se extinguindo, necessitando urgentemente de um herdeiro.

O nascimento do futuro filho representava que este iria dar continuidade a uma família tradicional de feiticeiros; o nascimento de um herdeiro faria com que a família continuasse a existir e não se perderiam os enormes poderes e conhecimentos acumulados no decorrer de milhares e

milhares de anos por seus antepassados. Nesse contexto, o nascimento da Bruxa Onilda foi muito bem planejado, com a finalidade de transformar a futura bruxa, segundo Larreula (2002), na melhor representante da sua espécie, ou seja, Onilda ou seja, seria a melhor bruxa do mundo. Seu nascimento foi ansiosamente esperado pela família.

O nascimento da Bruxinha Onilda é marcado por uma singularidade, uma vez que ela já nasce com roupa de bruxa, inclusive com seu chapéu pontudo, tal aspecto possibilita analisar que a recém-nascida será, realmente, alguém com características especiais.

Durante a infância, a Bruxa Onilda encontra seu fiel companheiro de aventuras, Olhona, a coruja personagem a qual estará sempre presente nas histórias vividas por Onilda. Na historiografia da Bruxa Onilda, a coruja não é uma personagem atuante nas narrações, em nenhum dos títulos usados para a analogia, contudo, sua presença é constante nas ilustrações dos livros. Segundo esse exemplo Azevedo (2004, p 56) especifica:

(..) texto escrito e imagens dividem em pé de igualdade essa espécie de palco que é o livro. Aqui, ambos são protagonistas e atores principais. Nesse tipo de livro, texto e imagem estão nivelados, são absolutamente complementares e atuam sinérgica e dialogicamente. Pode-se dizer que o “texto” do livro é constituído pela soma do texto escrito e das imagens. Num caso assim, não faz sentido pensar no livro publicado sem o texto ou sem as imagens.

A coruja Olhona é sua fiel companheira quando a bruxinha decide sair de casa para conhecer o mundo, e segundo a Bruxa Onilda somente voltaria para casa quando fosse famosa. Segundo Chevalier e Cheerbrant (2009), a coruja é uma ave noturna relacionada com a lua, esse animal não consegue suportar a luz do Sol, opõe-se particularmente à águia, a qual recebe essa luz com os olhos abertos. A coruja é tradicionalmente um atributo dos adivinhos, simboliza o seu dom de clarividência, através dos signos por esses seres interpretados.

E como não está ainda preparada para seguir sua própria trajetória, no referido caso, passar para o estágio de nômade, encontra na figura da mãe, que ao voltar para casa lhes dá como presente mágico, uma bola de cristal, e após esse ato representativo fundamentado pela figura anciã que auxilia a heroína, a bruxinha está preparada para reiniciar sua jornada heroica.

Em narrativas que tem a Bruxa Onilda, como *Bruxa Onilda vai à Inglaterra* (1999), *Bruxa Onilda vai a Nova Iorque* (1995) e *As férias de Bruxa Onilda* (1995), pode-se estabelecer uma relação com a sua ânsia por aventura e por descobrir coisas novas inerentes ao ser humano. Já em *Bruxa Onilda vai à festa* (1999), se confirma a ingenuidade infantil e a competitividade, também

qualidades comuns ao homem, uma vez que a personagem, buscando vencer as competições, faz uso de “trapaças” ingênuas e infantis com, por exemplo, amarrar um foguete na vassoura para que ande mais aceleradamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde tempos mais antigos que a figura da bruxa povoa o imaginário popular, sendo uma das lendas mais difundidas ao longo do tempo. Personagem constantemente referenciada como o mal personificado, a simples lembrança da bruxa e seus sortilégios serviram para educar e controlar, tanto crianças, quanto jovens, sendo amplamente explorada nas histórias contadas em torno das fogueiras, nas beiradas das camas na hora de dormir e por aí afora, foram sendo construídas na memória.

Com o passar do tempo, o imaginário foi sendo modificado, atualizado de acordo com cada tempo e tipo de sociedade e a imagem da bruxa se modernizou, deixando um pouco de lado o aspecto anti-heroico para se aproximar de um protagonismo inédito, como foi possível verificar nas aventuras de Harry Potter, o bruxinho que lutou e venceu o mal. Isso confirma uma tendência de direcionar características do herói à figura da bruxa ou se aproximar dessa imagem, a fim de satisfazer o leitor moderno cuja tendência é não mais temer os feitos maléficos consignados à bruxa.

A partir do estudo realizado, foi possível compreender que a bruxa se tornou presente nas narrativas da literatura infantil, tornando-se personagem principal, a protagonista, como ocorre com a bruxa Onilda, a qual assumiu a função de heroína, embora seu atrapalhado uso da magia não a caracterize dessa forma. Isso torna suas aventuras mais fáceis de serem aceitas, pois os leitores passam a se identificar melhor com as situações pelas quais ela passa. Comparando com outras histórias, é possível observar que esta identificação do leitor com o personagem, como ocorre, por exemplo, em Harry Potter, faz com as narrativas se popularizem ainda mais, pois suscitam a materialização da inocência e não somente a luta do bem contra o mal.

Ao se analisar as representações de bruxa em Memórias da bruxa Onilda, compreendeu-se que o leitor moderno as vê de forma agradável e que aproximar a índole da personagem à do herói, torna-se uma forma de reinvenção do imaginário e da mesma forma, um meio de fazer com que a imagem da bruxa se perpetue. Sem perder algumas de suas características de bruxas, tais como a

magia, o chapéu e a vassoura, a bruxa Onilda envereda por outros caminhos possíveis e assim, vai se mantendo nas narrativas infantis, sem perder o encanto que a magia insere no contexto infantil.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDER, Brooks; RUSSELL, Jeffrey B. **História da Bruxaria**. São Paulo: Aleph, 2008.
- AZEVEDO, Ricardo. **Diferentes graus de relação texto e imagem dentro de livros**. 2004. Disponível em: <<http://www.ricardoazevedo.com.br/artigos/>> Acesso em 16 de setembro de 2022.
- BETTELHEIM Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 16ª Edição. São Paulo: Cortez, 2012.
- BRONZATTO, M; CAMARGO, R. L. **Considerações sobre as Transformações da Bruxa na Literatura Infantil Contemporânea e as Implicações para o Psiquismo Infantil: Uma Abordagem Psicanalítica Baseada no Trabalho de Glória Radino**. Revista Eletrônica Saberes da Educação – Volume 3 – nº 1 – 2012.
- BRITO, A. F. A. **As bruxas e o imaginário popular**. Rio de Janeiro: Vits, 2014.
- CASHDAN, S. **Os 7 pecados capitais nos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Campus, 2000.
- CASTRO, V.V.L. **Em cena: a Bruxa, a diva dos contos de fadas**. In: ROCHA, D. Matizes da Literatura Contemporânea. Ponta Grossa: Editora Atena, 2021.
- CHEVALIER, Jean; CHEERBRANT Alain **Dicionário de símbolos (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)** 23ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.
- GRAVES Robert. **A deusa branca**. Editora Bertrand. Argentina. 2005.
- GRIMM, Wilhem & Jacob. “João e Maria”. In: TATAR, Maria. (Org.) **Contos de Fada – Edição comentada e ilustrada**. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2010.
- JACOBY, S. **A bruxa no imaginário infantil: a última bruxa de Josué Guimarães**. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 44, n. 4, p. 86-91, out./dez. 2009.
- LAITANO, P.E. **A Bruxa Onilda e sua trajetória heroica: uma representação da bruxa como herói na literatura infantil**. **Revista Letrônica**, v.01, n.01. 2008. Recuperado de <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/letronica/article/view/4279>. Acesso em 14 de fev. 2022.
- LARREULA, Enric. **A infância da Bruxa Onilda**. São Paulo: Scipione, 2002.

_____ **Bruxa Onilda vai à Nova Iorque.** São Paulo: Scipione, 2004.

MURRAY, Margaret. **A Bruxaria na Europa Ocidental.** Editora: Madras. Uberlândia. 2002.

OSÓRIO, Andréa. **Bruxas Modernas na rede virtual: a internet como espaço de sociabilidade e disputas entre praticantes da Wicca no Brasil.** Revista Sociedade e Cultura, Goiânia, jan-jun., ano/vol. 8, n. 001, 2015.

PERRAULT, C. **Histórias ou contos de outrora.** Tradução: Renata Cordeiro. São Paulo: Landy Editora, 2004.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade.** Petrópolis: Vozes, 2018.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e arte na infância.** Madri: Academia, 2019.